

É preciso ter cuidado a atravessar a rua. Mas, geralmente, não pensamos no que havemos de vestir. Se saímos de casa para despejar o lixo, por exemplo, não escolhemos a roupa mais adequada para ir deste àquele lado. Talvez tenha sido simplesmente isto o que aconteceu a Branca nessa manhã tão pálida como ela.

Quem viu, se alguém a tiver visto, garantirá que se ouvia de fundo, como nos filmes, a “Marcha Nupcial”. Uma mulher de cerca de quarenta anos, desgredada e sem expressão, atravessava a rua descalça. Caminhava devagar, com óculos escuros e um corpo desmaiado ao colo. Ou seria uma noiva? Sim, parecia levar uma noiva desmaiada ao colo. Ou adormecida. Tratava-se, definitivamente, de uma noiva, num volumoso vestido branco.

O mais absurdo não era, no entanto, o rigor com que transportava alguém vestido de noiva de um lado ao outro lado, da sua porta a uma porta vizinha, evitando a todo o custo que a noiva caísse ou que ela própria cedesse, talvez por falta de forças. O mais insólito era o que vestia para atravessar a sua rua: nada.

Do outro lado, estava o objectivo daquela mulher que carregava nos braços a pista, como num evento misterioso. Vera, impecavelmente vestida, ou pelo menos vestida, pendurava roupa branca e limpa, pronta para entrega, na lavandaria recém-estreada. Finalmente, um negócio seu, projecto que, aos trinta e tal anos, conseguiu realizar. Distraída como estamos todos naquela idade quando temos muito trabalho e nenhum funeral, sobretudo numa manhã simples de nevoeiro, nem reparou que alguém entrava.

— Vera.

— Vera.

A voz de Branca parecia a de um instrumento desafiado, a de um animal moribundo, como no seu Philip Roth preferido.

— Vera!

— Branca, desculpa! Não te vi chegar.

Vera começou por não notar que a amiga, e vizinha da frente, estava nua. Via-a do outro lado do balcão, e o volume de tecido que trazia cobria-lhe os membros superiores.

— O que é que se passa contigo? Estás tão... branca!

Branca ainda sorriu pelo aparente trocadilho com o seu nome, que agora a condenava, mas não disse mais nada. Limitou-se a depositar o que trazia ao colo no colo de Vera, como se lhe entregasse um corpo morto.

— O que é isto?!

A dona da lavandaria segurou-o com cuidado, pousou-o depois no balcão.

— É o teu vestido de noiva? Que lindo!

Olhou então a vizinha e perguntou, perplexa:

— Branca! Porque é que estás nua?

Branca olhou por si abaixo como se também para ela fosse uma surpresa, mas mostrou-se absolutamente indiferente:

— Porque posso.

Não parece simples imaginar o que levaria uma mulher nua a atravessar a rua com o seu vestido de noiva ao colo, de óculos de sol mas sem sequer se pentear. Foi traída. Descobriu tudo. Quer matar-se ou matar o marido mas, antes disso, ainda tem de passar na lavandaria. Os factos de que temos conhecimento são escassos: o vestido de Branca estava guardado há quase dez anos, já não lhe servia, tinha as bainhas bastante sujas e um pouco rasgadas (pisaram-no bem) e iria dar imenso trabalho a Vera; Branca é pintora e foi sempre um ser humano surpreendente como a conta da luz, porém, não havia notícia de qualquer problema mental de relevância até à data; o dia estava demasiado frio para alguém se esquecer de pôr alguma roupa.

Sobre o marido de Branca, falaremos a seu tempo, mas também dele se desconhecem problemas graves, a não ser uma mãe conservadora e autoritária detento-

ra de um cágado que ela garante ser descendente da família real.

Hitchcock, no filme *A Janela Indiscreta*, põe na boca de James Stewart a frase: “Há uma maneira inteligente de abordar o casamento.” Thelma Ritter, a atriz com quem contracenava, discorda, de imediato: “Nada causou tantos problemas à raça humana como a inteligência.” É interessante pensar que as duas frases foram escritas pela mesma pessoa. Se uma, de certa forma, contradiz a outra, para quê dar-se ao trabalho de escrever a primeira?

Voltemos, portanto, à lavandaria. Quando Vera se preparava para cobrir Branca com um lençol que tinha ali à mão, coisa que fez, sem saber se deveria chamar os bombeiros ou a polícia ou a sua própria mãe, já que a amiga nua tinha perdido, há anos, e bruscamente, os pais (e agora, pelos vistos, também o juízo), foi interrompida pelo pedido desta cliente habitual:

— Só quero que o tinjas de preto.